

## AUDIODESCRIÇÃO E OS GEOSSÍTIOS NO CARIRI: CONSTRUINDO IMAGENS ATRAVÉS DE PALAVRAS

Cicero Eugênio Tomaz Alves<sup>1</sup>

Martha Milene Fontenelle Carvalho<sup>2</sup>

Ana Patricia Silveira<sup>3</sup>

### RESUMO

Tradução Audiovisual Acessível/Audiodescrição é um recurso tecnológico comunicacional utilizado em eventos como filmes, espetáculos teatrais, exposições artísticas e, em qualquer outro evento artístico-cultural e social, cujo intuito é facilitar a aceção das diversas exibições e acesso de um indivíduo. Este artigo trás uma pesquisa sobre a audiodescrição realizada com maquetes dos nove geossítios do Geopark Araripe, esse localizado na Sul do Estado do Ceará. Temos como objetivo compreender como acontece o processo de inclusão através da audiodescrição a partir da experiência e olhar de uma audiodescritora. Dessa forma, pretendemos apresentar os avanços implantados ao longo da história para pessoas com deficiência visual; mostrar e entender como se da à criação e produção da audiodescrição, e discutir a união da educação e cultura num patamar de inclusão para um deficiente visual, através do relato de experiência de uma profissional em audiodescrição. A pesquisa inicialmente de caráter bibliográfico, resultou em um relato de experiência da Professora Patrícia, que teve participação no trabalho ao realizar as audiodescrições das maquetes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deficiência Visual; Audiodescrição; Inclusão.

---

<sup>1</sup> Graduando no Curso de Licenciatura Letras / Inglês pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Foi Bolsista do Programa de Estágio Extracurricular (PROAE) atuando no Núcleo de Acessibilidade da Universidade Regional do Cariri (NUARC). Email: [eugenioalves00@gmail.com](mailto:eugenioalves00@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. Mestrado em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora pesquisadora efetiva da Universidade Regional do Cariri - URCA, departamento de Línguas e Literaturas, com a disciplina de Braille-Sistema de Leitura e Escrita. Email: [marthainclusao@gmail.com](mailto:marthainclusao@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduação em Pedagogia (URCA) e especializações em: Educação Especial Formação Continuada de Professores para o Atendimento Educacional Especializado AEE (UFC), em Braille, pela Faculdade Futura e em Tradução Audiovisual Acessível/Audiodescrição (UECE). professora efetiva da rede municipal pública de Crato-CE, atuando na Sala de Recurso Multifuncional e colaboradora do Núcleo de Acessibilidade da URCA (NUARC), como Audidescritora. Email: [patricia.edinclusiva512@gmail.com](mailto:patricia.edinclusiva512@gmail.com)



## AUDIO DESCRIPTION AND GEOSITES IN CARIRI: BUILDING IMAGES THROUGH WORDS

### ABSTRACT

Accessible Audiovisual Translation/Audio Description is a technological communicational resource used in events such as films, theater shows, artistic exhibitions and, in any other artistic-cultural and social event, whose purpose is to facilitate the acceptance of the various exhibitions and access of an individual. This article brings a research on the audio description carried out with models of the nine geosites of Geopark Araripe, this one located in the south of the State of Ceará. We aim to understand how the inclusion process happens through audio description from the experience and look of an audio describer. In this way, we intend to present the advances implemented throughout history for people with visual impairments; show and understand how to create and produce audio description, and discuss the union of education and culture in a level of inclusion for the visually impaired, through the experience report of a professional in audio description. The initially bibliographical research resulted in an experience report by Professor Patrícia, who participated in the work by performing the audio descriptions of the models.

**KEYWORDS:** Visual Deficiency; Audiodescription; Inclusion.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa vem trazer reflexões sobre o processo de inclusão da pessoa com deficiência visual, no contexto educacional e a sua expansão para os outros aspectos da vida em sociedade, além de mostrar os desafios enfrentados na busca da realização desses objetivos. Embora hoje existam leis que garantam uma igualdade da pessoa com deficiência visual dentro da sociedade, a real inclusão não se dá em apenas garantir um direito de presença física, pois o mesmo, por mais que esteja presente pode ainda ser excluído.

É necessário buscar meios de adaptações do ambiente para que o deficiente visual (DV) possa além do espaço realizar as mesmas atividades, seja na escola, ou no trabalho, e em um ambiente de lazer. Dado a questão anteriormente, este artigo

trás uma pesquisa sobre a audiodescrição, recurso tecnológico com fins a ser utilizado para o processo de inclusão. Esta que foi realizada com as maquetes representativas dos nove geossítios do Geopark Araripe, Parque Geológico do Araripe localizado no Sul do Estado do Ceará. As maquetes estavam em exposição na sede administrativa do Geopark, no município de Crato – CE, sobre os cuidados da Universidade Regional do Cariri – URCA.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade em compartilhar práticas exitosas promotoras de ações que direcionam espaços para inclusão, por meio da audiodescrição, que compreendemos como um recurso acessível necessário em muitos espaços, ainda pouco difundido.

A pesquisa de inicialmente de caráter bibliográfico, fundamentada em autores que abordam sobre a audiodescrição, e a inclusão educacional. E por fim, de um relato de experiência da Professora Patrícia, que teve participação no trabalho ao realizar as audiodescrições das maquetes.

Temos como objetivo compreender como acontece o processo de inclusão através da audiodescrição a partir da experiência e olhar de uma audiodescritora. Dessa forma pretendemos apresentar os avanços que ocorreram ao longo da história para pessoas com deficiência visual; mostrar e entender como se dá a criação e produção da audiodescrição, e discutir a união da educação e cultura em um patamar de inclusão para um deficiente visual, através do relato de experiência de uma profissional em audiodescrição.

A presente pesquisa encontra-se dividido em alguns capítulos. O segundo capítulo trará um pouco sobre a trajetória da pessoa com deficiência e as políticas inclusivas, que promovem o acesso e permanência da pessoa com deficiência visual nos mais variados espaços, incluindo o acesso a audiodescrição. O terceiro capítulo tem como finalidade a inclusão de alunos com deficiência visual no uso do recurso da audiodescrição, mostrando o que é esse recurso acessível, como e quem pode realizá-lo, e acerca dos diversos tipos de audiodescrição compreendendo e refletindo sobre a sua importância.



O quarto capítulo, aborda a história do Geopark Araripe e os seus nove geossítios e a sua importância para a educação, cultura e sociedade, mostrando seu valor como patrimônio histórico e cultural. No quinto capítulo, apresentamos o relato da professora Patrícia da prática com as maquetes e as audiodescrições realizadas sobre elas. Por fim, as considerações finais.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **DEFICIÊNCIA VISUAL EM FOCO**

Deficiência visual (DV) é o comprometimento parcial ou total da visão. Podemos classificá-la como baixa visão, nesta situação o DV conta com o auxílio de lentes, lupas, telescópios, orientação e ou mobilidade auxiliar. Temos a cegueira, onde o DV ainda consegue distinguir o que é luz e o que não é e percebe a sombra, no entanto faz uso do Braille, orientação e mobilidade auxiliar. E por fim teremos outra compreensão da cegueira, que é o comprometimento total do campo de visão, onde o DV já não distingue nada, necessita do uso da escrita tátil Braille, orientação e mobilidade, bengalas ou cão guia.

Vários fatores são os possíveis de ocasionar a cegueira, um deles é a possibilidade congênita, que ocorre desde o seu nascimento, sendo fatores propícios: a gestação precoce; desnutrição da mãe; mãe usuária de drogas ou álcool; infecções durante a gravidez (DSTs, rubéolas, entre outros). Além deste, a DV podem ser adquiridas ao longo da vida humana, as causas mais comuns no Brasil estão relacionadas a doenças como catarata e o glaucoma, além de acidentes físicos que ocorrem ao longo da vida.

Assim como qualquer outro tipo de deficiência, ao longo de sua história, as pessoas com deficiência visual foram marcadas pela desvalorização, pelo preconceito e claro, exclusão social. De fato o idealismo daquilo que era considerado "normal" não permitiu ao DV uma vida comum, igualitária. Desde as sociedades primitivas a pessoa deficiente era considerada abominável, ou



transmissora de mazelas, assim como possuída por espíritos malignos, ou tinha-se a consciência religiosa de que tal circunstância era uma punição divina para os pais ou para própria pessoa acometida com a deficiência. Muitos DVs eram exilados de suas casas e até mesmo sacrificados.

O trato com a cegueira marcou-se tão severamente na sociedade, que ao longo de várias culturas e do tempo, era considerado como punição a pervertidos e ladrões. Mas um olhar de tolerância, porém, ingênuo, veio com a expansão do cristianismo, este que deu ao DV a atribuição de criatura de Deus, uma dádiva, uma herança da salvação. Em séculos mais recentes, com o aumento da deficiência visual, o avanço da ciência e dos estudos anatomofisiológicos, foi quebrado paradoxos e mitos sobre esta forma de deficiência humana.

No ano de 1784 em Paris, foi iniciada a educação para cegos com a criação do Instituto Real de Jovens Cegos de Paris Valentin Hany e em 1829, um dos seus alunos Louis Braille criou a escrita Braille, uma escrita em relevo numa combinação de seis pontos distribuídos em duas colunas verticais. No Brasil a educação para pessoas cegas iniciou-se por conta do Decreto Imperial de Pedro Segundo com a criação do Imperial Instituto de Meninos Cegos no Rio de Janeiro, em 1854, hoje conhecido como Instituto Benjamin Constant.

Com o passar dos anos, novas escolas foram criadas, muitas eram destinadas apenas ao atendimento de pessoas com deficiência, que se efetivavam em escolas segregadas, classes especiais, ou escolas especializadas. Tornou-se necessários novos movimentos e compreensões de inclusão que percebiam o direito as mesmas formas de ensino de uma pessoa que não a presentasse nenhuma deficiência, nesse caso, dentro do ensino regular. No século XX, podemos destacar Vigotski.

[...] é necessário acabar com a educação segregada, inválida para os cegos e desfazer os limites entre a escola especial e a normal: a educação da criança cega deve ser organizada como a educação da criança apta para o desenvolvimento normal; a educação deve formar realmente do cego uma pessoa normal, de pleno valor no aspecto social e eliminar a palavra e o conceito de "deficiente" em sua aplicação ao cego (VIGOTSKI, 1997, p.87).



Ao longo da história percebemos a efetivação de várias políticas que propõe a inclusão de pessoas com deficiência visual em todos os espaços sociais, possibilitando o acesso e permanência. Um dos marcos instituído recentemente foi a Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015 que Institui a Lei Brasileira de Inclusão, que traz em seu Art. 27 que a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, sendo dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência.

A escola é considerada a segunda instituição, onde a criança terá seus passos iniciais da vida, posterior a família. Nela, um DV terá contato com outras crianças, experiências de vivência e convivência, um passo a elaboração indenitária, além de adquirir conhecimentos e capacitações que serviram para sua formação profissional, a qual desenvolvera futuramente.

Nesse processo inclusivo, destacamos a efetivação da educação especial, que auxilia e oferece um suporte, prestando através de um Atendimento Educacional Especializado, recursos e estratégias necessárias para inclusão e desenvolvimento da autonomia e independência de pessoas com deficiência visual, que se efetivam através de aulas de orientação e mobilidade, adaptação de materiais pedagógicos, ensino do sistema Braille, transcrição de materiais, entre outras ações.

Nesse sentido, o Atendimento Educacional Especializado busca proporcionar autonomia e independência, para que o aluno com deficiência seja capaz de exercer e desenvolver atividades as quais todos os alunos desenvolvam, de forma igualitária e sem restrições.

Nesse contexto de pensar a inclusão da pessoa com deficiência visual ao longo do tempo, dentro do espaço educacional e de outros espaços sociais, podemos destacar a importância da audiodescrição, que permitem o acesso ao visual, através de palavras, descrição. Logo, apresentaremos no próximo capítulo esse recurso acessível, tão importante na promoção da inclusão.



As barreiras de exclusão, com o passar do tempo e o avanço da ciência e de vários estudos, vêm sendo quebradas pouco a pouco. Um exemplo claro é a própria audiodescrição, através dela se quebrará uma barreira social de um deficiente visual, proporcionando-lhe a condição e o suporte necessário para esta está inserido dentro da sociedade.

A de se pensar que a luta para incluir o deficiente visual dentro do ambiente educacional e social é um dos desafios, mas para a efetivação do processo de inclusão ele está em não apenas inseri-lo dentro de um espaço físico como podemos observar em leis garantindo oportunidades de trabalho e educação. Mas também é necessário traze-lo para dentro de todos os ambientes que a nossa sociedade possui de vivencia, o que nos leva a refletir além de espaço educacional, levar um olhar ao espaço trabalhista, lazer, atendimentos sege eles de saúde, passeios, locomoção. Só assim podemos efetivar o processo de inclusão de um deficiente.

## A ÁUDIO-DESCRIÇÃO

Há uma escassez literária acerca da Tradução Audiovisual Acessível/Audiodescrição pouco se encontram em artigos, livros, sites, falando ou definindo Audiodescrição. O que dificulta o seu conhecimento existencial e sua utilidade. A AD é um recurso tecnológico comunicacional utilizado em eventos como filmes, espetáculos teatrais, exposições artísticas e, em qualquer outro evento artístico-cultural e social cujo intuito é facilitar a acepção das diversas exibições e acesso de um indivíduo que possua qualquer interesse de se apossar de quaisquer dos eventos citados. "O recurso da AD, que parece ter sido realmente visto pelo expectador cego, quando sua experiência foi a de recriar em seu Imaginário todas as imagens descritas." (MOTTA; FILHO. 2010, p. 114).

Esse recurso possibilita a acessibilidade e garante mais informação ao público com deficiência visual, também, expande seu campo alvo a idosos, disléxicos, e qualquer outra deficiência ou carência que se faça necessário a sua



utilização. AD é feita ao vivo ou gravada, ela é uma tradução da imagem exibida trazendo uma proximidade de entendimento equivalente a quem pode vê-la. Conforme Romeu Filho (2010):

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010 p.08).

A audiodescrição pode ser realizada de três maneiras: a mais comum, que é a gravada, cujo texto é inicialmente pré-gravado igual ao cinema e TV. A narração se dá entre diálogos e em seguida é mixada ao áudio original na fase de pós-produção. Outro tipo de AD acontece ao vivo e é roteirizada, e ocorre em eventos previamente ensaiados, como dança e teatro. O seu roteiro tem que ser produzido com antecedência, mas esta se diferencia no modo da sua transmissão que se dá ao vivo.

Um último tipo acontece também ao vivo, porém não roteirizada. Esta audiodescrição é realizada de improviso justamente pela impossibilidade de uma previsão imediata de roteiro, se desenvolve durante o evento. Ambos se dão por um audiodescritor presente no local, requerendo minucioso cuidado para situações de improvisos necessários e adequadamente descrito.

As gravações são bem simples, mas sua linha de conduta se dá bem rabiscada de regras, caso não seguidas, ocorrerá fuga total dos seus objetivos. Visto que o audiodescritor tem como função traduzir as imagens através das suas palavras. Ela não é para explicar tudo, precisa seguir a normalidade de dúvidas e questionamentos que uma pessoa que vê indaga, respeitando assim, os mistérios, silêncios e pausas.

O audiodescritor primeiramente necessita de duas coisas, respectivamente ter especialização ou linha de pesquisa sobre audiodescrição e segundo ter algum



envolvimento e conhecimento de vida sobre o que ele vai descrever. Dessa forma ele pode se dar aos próximos passos. Ter a consciência de que, o que vai ser essencial será a sua narrativa. Por isso, o próprio atenderá ao cuidado de como desempenhar seu papel, nunca se destacando, com ritmo adequado, tom e força da voz de acordo, velocidade das palavras igual à atmosfera da situação, entonação adequada sendo perceptível a identificação de sentimentos.

Seguindo este pensamento, toda AD possui um roteiro, onde serão construídas as narrações, exigindo uma esquematização de relevâncias. Organizando os fatos que serão descritos, observando de que forma a história poderá ser contada, concordando entre as falas, os momentos em que se pode descrever, nunca se sobrepondo aos diálogos. O texto da AD não pode apresentar opinião, interpretação ou qualquer outro tipo de julgamento. "A AD deve ser imperceptível em sua concretude, para que aquilo que ela cria, a imagem verbalizada para ser imaginado, isto sim, seja percebido como o complemento perfeito do filme" (Motta; Filho. 2010, p. 114).

Após a criação do roteiro a presença de um consultor, no caso um Deficiente Visual, é essencial, pois ele vem com a função de diminuir as falhas de comunicação. Até porque, há de se pautar que uma percepção de mundo entre vidente, aquele que capta a imagem, a forma, o espaço real, totalmente mais rápida e apurada. Sendo absolutamente diferente de não vidente, esse por sua vez, tem uma relação que leva um tempo mais duradouro para se captar o real de tempo, espaço e modo do lugar em que ele se encontra.

A audiodescrição hoje tem se tornado um dos meios de grande sucesso em quebrar as dificuldades que excluem um deficiente visual do meio, a sua deficiência terá um suporte, posto que haja um maior conhecimento de mundo, o qual poderá alcançar e se envolver. Entre outros eventos, poderá participar de momentos de lazer, entretenimento, realizar pesquisas, e também, uma maior proporção de socialização e cultura a qual fará parte de sua vida.

## **O GEOSÍTIOS: RIQUEZA NO CARIRI (Livro “Geopark Araripe: Historias de la Tierra, del Medio Ambiente e de la Cultura”)**

O Geopark Araripe, primeiro geopark das Américas, situa-se no sul do estado do Ceará. É um território com sítios geológicos carregados de valores científicos, ambientais, históricos e culturais. Entrando em 2006 para a Global Geoparks Network - GGN, rede mundial de geoparks. A Geodiversidade engloba uma variedade de ambientes geológicos, além de fenômenos ativos que originam os minerais, rochas, fósseis, e outros depósitos, permitindo nesta terra um suporte para vida.

Ele possui os princípios de proteger e conservar os geossítios de maior relevância científica e cultural, e também, abranger conhecimentos do ecossistema regional, o seu contexto científico e cultural. *"Los principales programas del Geopark Araripe es la educación ambiental que tiene como lema la integración de las comunidades del territorio a las estrategias de desarrollo del fortalecimiento social y conservación del patrimonio natural y cultural"*. (Geopark Araripe: Historias de la Tierra, del Medio Ambiente e de la Cultura/ Gobierno del Estado de Ceará. P. 34)

Para esta tarefa, conta-se com apoio dos governos Municipal, Estadual e Federal, incluindo a Universidade Regional do Cariri - URCA. Através da educação buscam conscientizar a comunidade, abrindo portas que levem ao equilíbrio ambiental, econômico e social, numa luta por um espaço menos degradado.

Há de se destacar também, que o turismo alcançou um nível Mundial nas esferas econômicas, políticas, sociais e culturais. Os geossítios conceituam-se pelo seu valor científico, econômico, cultural, pedagógico e estético, que caracterizam a sua região. Na Bacia Sedimentar do Araripe, concentram-se nove geossítios, entre os municípios de Juazeiro do Norte; Missão Velha; Nova Olinda; Santana do Cariri; Barbalha e Crato, esse último onde está localizada a sede administrativa do Geopark Araripe.

O Geossítio Pedra Cariri possui a existência de fósseis de insetos, pterossauros, peixes e vegetais, reunidos no museu de paleontologia da URCA no



município de Santana do Cariri. Ele localiza-se a 3 km do centro do município de Nova Olinda. Possuindo uma antiga zona de minério da pedra caliza a Mina Triunfo. A sua mineração serve a indústria de construção civil desde o século XIX para revestimento de paredes, a CERA e pavimentos. Hoje a mineração serve de exportação para todo Nordeste.

Ainda no município de Nova Olinda, localiza-se o geossítio Ponte de Pedra no Sítio Olho d'Água de Santa Bárbara. Tendo uma forma geológica talhada em pedra arenisca, representado por uma formação rochosa que recorda uma ponte, está por sua vez, possui gravuras e pinturas rupestres, e foi um caminho para os índios e vaqueiros que colonizaram a região.

O geossítio Parque dos Pterossauros, com concentração de calcário com fósseis, "pedras de peixes", um cenário para escavação paleontológica. Situado no sítio Canabrava, a 2 km do município de Santana do Cariri, de propriedade da URCA. Um dos principais sítios de HALLOZOGOS fósseis no Nordeste. Com grande turismo devido a sua riqueza e diversidade de conteúdo.

O Pontal de Santa Cruz é outro geossítio a 4 km da cidade de Santana do Cariri, sobre uma altitude de 750 metros. Ela tem uma formação arenisca, culturalmente possui uma capela construída na metade do século XX e uma Cruz antiga, retratando a arquitetura popular e a devoção católica típica do Cariri.

A Floresta Petrificada do Cariri, geossítio localizado a 6 km do município de Missão Velha, no Sítio Olho d'Água Comprido. Tem rochas avermelhadas, troncos petrificados há cerca de 145 milhões de anos, é um grande tesouro paleontológico para o estudo da paleobotânica e da evolução geológica.

Não muito distante do município de Missão Velha, a cerca de 3 km, situa-se o geossítio Cachoeira de Missão Velha no Sítio Cachoeira. Com rochas sedimentares de pedras arenisca formadas a 420 milhões de anos, historicamente, um dos poucos lugares onde se poderia encontrar água durante todo ano. Foi um ponto de encontro para cangaceiros e bandidos, hoje se encanta pelos seus altos de queda d'água com aproximadamente 12m de altura.



Geossítio Colina do Horto, a 3 km da cidade de Juazeiro do Norte. Encontram-se as rochas sedimentares mais antigas do Cariri, nele está à estátua do Padre Cícero, o museu vivo do Padre Cícero, a igreja do Senhor Bom Jesus, e o caminho do Santo Sepulcro. História e Religião juntas, respectivamente, pela influência do Padre Cícero na emancipação do Município de Juazeiro do Norte, e contendo uma estátua de 27 metros de altura do Padre Cícero, faz desse geossítio um importante centro de peregrinação popular no Brasil.

A 7 km da cidade de Barbalha, em uma zona de vegetação densa e úmida, com três Mananciais de água cristalina, está o geossítio Riacho do Meio. Faz parte de um parque ecológico através do município e está cerca de uma Estância hidromineral muito popular, o Balneário de Caldas. Com pedras sedimentares de Formação Arajara, um exemplar da fauna e flora da região do Araripe.

Por último, no município de Crato a 3 km da Sede Administrativa do Geopark Araripe, localizado no Parque Estadual sítio Fundão, está o geossítio Batateiras. Possuindo grandes Mananciais de água, pedras argilosas nas margens do rio. É um grande Centro Turístico devido a sua diversidade histórica e cultural, nela encontram-se ruínas de um Moinho de cana-de-açúcar construída em 1880, a também, uma antiga hidrelétrica da cidade construída em 1939, e uma casa de barro e madeira, única registrada, uma casa típica do Nordeste. Outro marco desse geossítio é pela sua popular lenda, a "lenda da Pedra da Batateira".

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES: PRÁTICAS COM AS MAQUETES**

O trabalho teve início após o convite feito pela professora Martha Milene Fontenelle, a qual é pesquisadora na área de Deficiência Visual e professora da disciplina de sistema de leitura e escrita em Braille, na Universidade Regional do Cariri e membro do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Regional do Cariri - NUARC, para a audiodescritora Patrícia Silveira, que prontamente atendeu ao pedido já que se relacionava com um importante trabalho, que possibilitaria a



inclusão e acesso de conhecimento. Após esse momento inicial, a audiodescriitora iniciou sua pesquisa sobre os nove Geossítios da Chapada do Araripe.

A princípio Patrícia relata que foi fotografar as maquetes e percebeu que seria relevante dialogar com os executores. Na época que foi realizado o trabalho, Patrícia conseguiu localizar apenas José Carlos de Lima, técnico em geoprocessamento, mas que logo atendeu e passou mais informações sobre o processo e os materiais utilizados. Após esse momento, a audiodescriitora relata que conduziu o trabalho para uma próxima etapa: a elaboração do roteiro. Como afirma Araújo (2018, p. 12-13),

todas as produções que possuem elementos visuais a ser harmonizados com o áudio ou que possuem somente imagens estáticas, como pinturas e fotografias, podem ser audiodescritas. No entanto, cada uma dessas atividades possui peculiaridades, as quais terão influência na realização de uma AD.

Desta forma, as maquetes são imagens estáticas e o roteiro foi gravado e exposto na galeria juntamente com um dispositivo móvel, neste caso, um aparelho mp3 com fone de ouvido para que o público pudesse ter acesso com autonomia.

Conforme a profissional em audiodescrição foram quatro meses para a elaboração do roteiro, pois o objeto de pesquisa exige bastante pesquisa, além de termos um tempo restrito, já que a mesma também é professora da rede pública municipal de Crato, lotada na Sala de Recursos Multifuncionais, trabalhando em dois turnos, manhã e tarde, residindo atualmente município vizinho, Juazeiro do Norte, fato que interfere bastante no tempo para a pesquisa. Ressaltamos que a profissional desenvolve seu trabalho em parceria com a Consultora em Audiodescrição, Nághela Gonçalves, também com formação em Audiodescrição, tem deficiência visual (baixa visão) e frequenta os espaços públicos que oferecem exposições, artes cênicas, shows, enfim, ela aprecia todas as linguagens artísticas. Para Mianes e Baierle (2012, *apud* SÁ, 2015, p.15-16),



ambos consultores com deficiência visual, consideram que o consultor deve integrar qualquer equipe de produção de audiodescrição e participar de todas as etapas do trabalho, desde a concepção do projeto até a finalização do produto. Os consultores enfatizam que o ponto de vista da pessoa cega ou com baixa visão é insubstituível, considerando-se as reais necessidades do público com deficiência visual. Além disso, o trabalho de consultoria em audiodescrição, demanda competências específicas relacionadas à aplicação do recurso em diferentes áreas do conhecimento. Os autores destacam o protagonismo das pessoas com deficiência visual nos processos de produção de cultura e de criação de recursos de acessibilidade bem como para a construção dos parâmetros da audiodescrição no país.

Por conseguinte, consideramos relevante a consultoria em audiodescrição, tendo em vista as experiências vividas em relação às imagens. Ainda citando Sá (2015, p. 49),

a consultoria em audiodescrição representa a voz das pessoas com deficiência visual que deixaram de ser consumidores dos produtos audiodescritos para desenvolver uma expertise nesta área do conhecimento com o compromisso de promover a otimização da qualidade desses produtos.

E essa representação participa ativamente desde a primeira versão do roteiro audiodescrito, que foi enviado via e-mail pela a audiodescritora roteirista e locutora. Patrícia relata que recebeu de volta, refez a leitura e reenviou. Após, recebeu novamente com a segunda análise da consultoria e que finalmente chegamos ao roteiro definido.

Relevante também esclarecermos que as notas introdutórias fazem parte do roteiro. Lima (2011, p.14), considera que:

Antes, porém, é imperioso lembrar que, para além da áudio-descrição em si, o roteiro áudio-descritivo deve trazer nota proêmio (diretriz aplicável em grande parte dos eventos visuais), assim definida como a nota que antecede, apresenta e instrui a própria áudio-descrição, oferecendo, entre outras, informações a respeito daqueles elementos, cujas descrições não seriam possíveis de fazer no corpo do texto áudio-descritivo, por falta de tempo (no caso de áudio-descrição dinâmica, nos filmes, por exemplo), ou por falta de espaço, no caso de áudio-descrição estática (em imagens contidas em livros, em catálogos, cardápios e outros).



Portanto, a nota introdutória de imagens estáticas, traz as informações básicas da imagem, se são uma pintura, fotografia, escultura, maquetes, etc.

A última etapa foi a gravação desse roteiro audiodescrito, onde a profissional relata ter buscado apoio em uma rádio da comunidade, que prontamente nos cedeu um técnico de som para inserir uma música de fundo do instrumentista DiFreitas, (música Lavras da Mangabeira) e assim, finalizamos a audiodescrição das nove maquetes supracitadas. A seguir apresentamos no formato escrito a audiodescrição presente como nota introdutória. O trabalho apresentou o seguinte resultado:

Nota Introdutória: Olá! O Centro de Interpretação e Educação Ambiental da Universidade Regional do Cariri – URCA, deseja-lhes boas vindas!

São nove maquetes expostas sobre cubos brancos de madeira. Elas representam os Geossítios distribuídos em 6 (seis) municípios da Região Metropolitana do Cariri. Todas com tamanhos que variam entre 30 e 35 centímetros, altura entre 4 e 20 e escalas entre 1 para 850, elaboradas em fevereiro de 2012, por José Carlos de Lima, técnico em geoprocessamento; Manoel Fernandes de Lima, topógrafo e Francisco Paulo Coêlho, artista plástico.

Os profissionais utilizaram madeira de compensado na base e os seguintes materiais: estatueta do Padre Cícero em plástico na cor branca, fragmentos de granito, isopor, esponjas tingidas, gesso, plásticos: EVA, PVC e PET; argila, pó de serragens, papelão, gravetos, bambu, papelão ondulado, tinta látex e pedras naturais.

O trabalho foi desenvolvido com todas as maquetes expostas, sendo possível agora a possibilidade de inclusão e visualização de pessoas com deficiência visual dos geossítios. Segue a audiodescrição do Geossítio Ponte de Pedra:

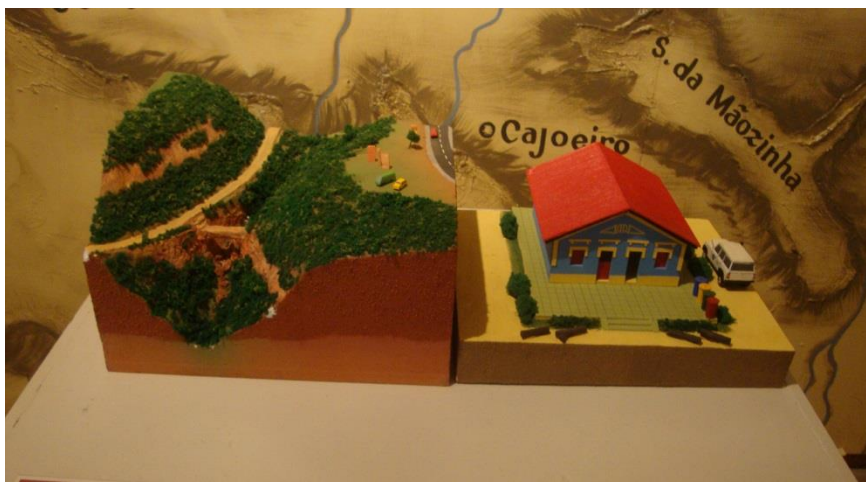
Possui duas maquetes. Na primeira, um topo com relevo em declive acentuado, vegetação densa com presença de clareiras contornadas por uma estrada de terra, que dá acesso à ponte de pedra que une à trilha em meio à vegetação verde. Na lateral direita, veículos amarelo e verde; tóteis; recuo com árvore e veículo vermelho no asfalto.

Na segunda maquete, Fundação Casa Grande, pintada na cor azul e com detalhes amarelos no contorno e no meio. A parte superior do imóvel possui formato triangular. Na fachada, duas janelas e duas portas vermelhas. Uma porta com a parte inferior fechada e a outra totalmente aberta. Na lateral direita, veículo branco com logomarca da Fundação; à frente da casa, sobre a calçada de mosaico verde claro, quatro coletores: azul, amarelo, verde e

vermelho; vegetação rasteira e troncos de árvores na horizontal próximos aos degraus da calçada.

Roteiro e Narração: Patricia Silveira, consultoria: Nághela Gonçalves e música de fundo: Difreitas

**Figura 1 – Maquete do Geossítio Ponte de Pedra**



**Fonte:** professora e audiodescritora, Patricia Silveira

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A audiodescrição recurso tecnológico comunicacional facilita sim, a acepção das diversas exibições e acesso que um indivíduo possua e também venha a ter interesse de se apossar, possibilitando a acessibilidade e garantia de mais informação ao público, expandindo o seu campo a quem se faça necessário a sua utilização.

A audiodescrição hoje se torna um dos meios de grande sucesso em quebrar as dificuldades que excluem um deficiente visual do meio, a sua deficiência terá um suporte, posto que haja um maior conhecimento de mundo, o qual poderá alcançar e se envolver. Entre outros eventos, poderá participar de momentos de lazer, entretenimento, realizar pesquisas, e também, uma maior proporção de socialização e cultura a qual fará parte de sua vida.



A experiência nos oportunizou, a partir da pesquisa e análise dos relatos de experiência da audiodescritora Patrícia Silveira, compreender como acontece esse processo de criação da audiodescrição, com como perceber a necessidade do recurso para pessoas com deficiência visual em exposições.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. D.; NASCIMENTO, A. K. P do; ARAÚJO, V. L. S. Metodologia da Pesquisa em Audiodescrição. Fortaleza, 2018.

BRASIL. **Lei 13.146** de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:. Acesso em: 20 out. 2018.

Gobierno del Estado de Ceará. Geopark Araripe: Historias de la Tierra, del Medio Ambiente e de la Cultura/ Gobierno del Estado de Ceará/ Secretaría de las Ciudades/ Proyecto Ciudades de Ceará – Cariri Central. – Crato-CE, 2012.

LIMA, F. J. **Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição**: Sugestões para a construção de um *script* anotado. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV), 2011. Vol. 7. Disponível em:  
<<http://www.associadosdainclusao.com.br/enades2016/sites/all/themes/berry/documentos/08-introducao-ao-estudo-do-roteiro.pdf>> Acesso em: 20 out. 2018.

MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P.R. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

Sá, Elizabet Dias de. **A Consultoria na Prática da Audiodescrição**: a Perspectiva dos Consultores com Deficiência Visual. 2015. 54 f. Monografia ( Especialização em Audiodescrição) - Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

Recebido julho de 2021  
Aprovado março de 2022.